

Aproximações entre moda e música: visualidades na presença de Beth Ditto

Lorena Pompei Abdala
Programa de Pós-Graduação em Cultura Visual- Mestrado FAV / UFG

Resumo

Este artigo propõe uma passagem pelas aproximações entre a moda e a música, analisando o perfil da vocalista da banda *The Gossip*, Beth Ditto, *persona* feminina atípica para os conceitos vigentes, uma vez que a mesma desloca a noção do corpo feminino. O estudo busca entender o posicionamento identitário, através do olhar sobre a influência estética da música na moda, levantando questões sobre como nós percebemos a alteridade do outro e como o outro nos percebe dentro de um universo imagético.

Palavras-chave: Moda; Música, Cultura, Beth Ditto.

Abstract:

This article proposes a passing to approaches between the fashion and music, analyzing the profile of the singer of the band The Gossip, Beth Ditto, atypical female persona to current concepts, since she moves the concept of the female body. The study try to understand the positional identity through the view about the aesthetics influence of the music in fashion, bringing up issues about how we perceive the alterity of the other and how other perceive us in a imagetive universe.

Key-words: Fashion; Music; Culture; Beth Ditto

O propósito deste artigo é traçar relações entre a moda e a música¹, de como ambos se entrelaçam em dobras de significados afins. Sendo assim, a orientação deste artigo será um breve olhar sobre a *persona* de Beth Ditto, vocalista do grupo indie rock norte-americano chamado *The Gossip*, formado em 1999.

Pensando os sistemas culturais e as formas de como as ideologias são impressas socialmente, o rock trouxe consigo muito mais que um gênero artístico, trouxe um conjunto de associações simbólicas e de comportamentos. O mercado cultural vinculado às indústrias fonográficas levou à disseminação do estilo das bandas, utilizando-se das vestimentas como uma espécie de código. As roupas usadas pelos grupos de rock reforçaram o gênero materialmente, nas estéticas das roupas: artistas como Beatles, Elvis Presley, Sex Pistols, Ramones, David Bowie, New York Dolls e Madonna eternizaram

suas músicas na ideologia estética de suas composições tanto musicais, quanto de moda.

Sendo assim, podemos fazer aproximações entre a moda e a música. Existiria uma apropriação estética da moda apoiada na música, ou a música se apropriaria de uma determinada estética de moda para dar suporte à identidade do grupo? Ao que parece desde a inserção massiva do rock na cultura popular, (com Elvis Presley, à frente, na década de 1950), a vestimenta vinculada aos intérpretes dos grupos de rock garantiu suporte existencial aos mesmos. O “espírito” de um gênero musical é quase sempre, materializado na vestimenta, acopla-se na roupa como ideologia.

“O rock é um gênero musical que se desenvolve e se estabelece a partir da ruptura com os padrões existentes, não só na música mas, em todas as formas paralelas de expressão. Além da música, por exemplo, a principal delas é a roupa. É essa mesma roupa que codificada pela mídia passa a ser difundida como um suporte necessário da música.”²

Um fato é certo: para cada gênero de música temos uma estética muito bem definida. Tupã Correa Gomes, em análise sobre o mercado cultural musical do rock e a moda, pontua que a disseminação do movimento Punk no mundo abandonou o conteúdo da contestação para importar em primeiro plano a forma e a aparência de seu significado.

“Ao longo da disseminação, enquanto estilo musical, o que importou mesmo foi a imagem de seus intérpretes, além de todo o aparato que os cobria... E aquilo que fora adorno de agressão acabou sendo convertido em adorno caro.”³

Forma e aparência dos significados, o que isto quer dizer na música? Quase tudo: a aparência de uma banda significa o que ela é, ou pelo menos materializa isto e a aproxima de seus simpatizantes. A caracterização estética de uma banda lhe garante suporte existencial, localização simbólica em sociedade. Daí a importância da impregnação de narrativas visuais que reflitam o universo representativo de um grupo na música.

Neste sentido, Beth Ditto é uma mulher que apresenta narrativas visuais fora dos padrões estéticos vigentes. Exceto por seu talento musical, notável e audível, está acima do peso padrão, é homossexual, possui uma beleza que não se enquadra ao que a maioria tem como escopo, assumidamente usa drogas, fica nua nos palcos e critica as decisões políticas de seu país, em

especial a ausência de direitos homossexuais, questão engessada durante o governo Bush.

Em princípio, seriam atitudes comuns no cenário rock, nada que outros artistas não tenham feito. Ainda assim, a vocalista tem chamado a atenção da mídia e da moda. Eleita “*The Coolest Person in Rock*”⁴ e a mais sexy do ano pela *New Music Express* em 2006 e 2008 respectivamente, Ditto é a antítese da maioria dos padrões impostos. As narrativas visuais que incorpora têm influenciado as pessoas à sua volta. A ponto de o jornal inglês *The Guardian* lhe dar uma coluna, cujo título é “*What Would Beth Ditto Do?*”⁵, onde ela escreve sobre temas variados.

Revistas de moda, também, têm dado espaço para editoriais com a cantora, além de a mesma estar presente na primeira fila dos principais desfiles de moda do mundo. O que sugere que a noção sobre o pensamento hegemônico da feminilidade vem tomando novas configurações e se ampliando em meios de grande difusão de conceitos de massa.



Beth Ditto na capa da revista Love, 2009

A cultura visual busca a quebra dos padrões visuais para um entendimento mais amplo das visualidades. Segundo o conceito de Stuart Hall, o sujeito pós-moderno é fragmentado e construtor de múltiplas identidades, já que a flexibilidade de modulação do corpo para a configuração da identidade criou sujeitos fractais. Tal condição, a qual ampara o sujeito pós-moderno é

garante a fluidez e o devir da auto-representação nas sociedades pós-modernas. “A identidade torna-se uma celebração móvel, que se transforma em relação às formas pelas quais somos interpretados e interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam.” (VILLAÇA, 2007, P.146)

É desta condição fractal que Beth Ditto se destaca. Ela propõe uma nova narrativa para o feminino através da projeção de seu corpo e de suas atitudes na configuração da identidade, desconstruindo a noção de musa. A arena simbólica que a cerca é emparelhamento de visualidades que questionam, levam a uma reflexão sobre os padrões que nos são impostos. Uma vez que são poucas as mulheres que se utilizam da interpretação explícita da sexualidade como forma de indicação de poder, não se trata de um poder de sedução, mas de um poder de ação social.

Ao pensar na sociedade fractal deve-se levar em conta o consumo de bens culturais que o sistema oferta. O vasto leque de segmentações simbólicas permite aos sujeitos uma flutuação e uma apropriação simultâneas de várias delas. Desta dinâmica, os estilos de vida vão se modificando conforme o sujeito vai se modificando em seu singular. “De tempos em tempos, uma pessoa tende a alterar seu estilo de vida e, como um grande número de pessoas se envolve nesse processo, as características desses estilos evoluem e mudam.” (CRANE, 2006, P.37). A sociedade de hoje libera o sujeito da tradição e o deixa livre para a construção de si.



Estes interligamentos ocorrem porque a moda consegue ressignificar os artefatos, conferindo-lhes informações conforme disposição e combinação no corpo. A prática da moda é uma escolha e, em certo sentido, livre, já que os sujeitos colhem os artefatos que parecem-lhe agradáveis e dão-lhes significância conforme a sua cultura, localizada socialmente no espaço e no tempo.

O diferencial de Ditto é que ela não se deixa levar pelas coações sociais anteriores a ela própria, conseguindo usufruir de uma liberdade plena de sua subjetividade ⁶. “O corpo torna-se o emblema do *self*. A interioridade do sujeito é um constante esforço de exterioridade, reduz-se a sua superfície. É preciso se colocar fora de si para se tornar si mesmo.” (LE BRETON, 2003, P.29)

O universo que os intérpretes e suas bandas alcançam é bastante amplo. Na condição das celebridades, o processo de disseminação da influência das representações simbólicas ocorre de cima para baixo, quando pensamos nas relações com grande público, e de baixo para cima, quando pensamos na construção subjetiva da identidade dos intérpretes ou grupos consigo mesmo.

Considerando-se o corpo como um artefato da presença, poder-se-ia dizer que o vestuário também o é. Entendido como uma projeção ou continuação do corpo, o vestuário representa a forma de como as pessoas interpretam a cultura para uso próprio. A roupa possui em si a fantasmática do corpo, assim como o corpo nu possui a fantasmática de uma segunda pele: a roupa. Ora, partindo da noção que somos uma sociedade que cobriu seu corpo, muito mais por uma concepção cultural do que por necessidade utilitarista, podemos concluir que a moda é, portanto, uma prática social.

A moda é um dos instrumentos mais comumente usados para fazer o elo entre a identidade da banda com o mundo externo. Como prática social, confere aos sujeitos a possibilidade da experiência estética de si, permite ao corpo fenomenal expressar-se materialmente no corpo objetivo.

“As roupas como artefatos criam comportamentos por sua capacidade de impor identidades sociais e permitir que as pessoas afirmem identidades sociais latentes.” (CRANE, 2000, P.22). Sendo assim, a moda é uma prática de si, um exercício estético da identidade que transforma a subjetividade em algo objetivo: a roupa.

As definições de Michel Foucault sobre as práticas de si são pertinentes e se encaixariam perfeitamente no conceito sobre o sistema da moda:

“(...) Práticas refletidas e voluntárias através das quais os homens não somente fixam-se regras de conduta, como também procuram se transformar, modificar-se em seu singular e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e responda a certos critérios de estilo.”⁷

Na conceituação de Foucault, as práticas de si, práticas da aparência ou estéticas da existência, termos os quais o autor alterna para tratar das experiências dos sujeitos consigo mesmos, fazem parte de um sistema de convenções em que os sujeitos sob regras sociais e estéticas constroem identidades.

Neste ponto, o corpo, juntamente com a roupa, consegue passar um pouco da subjetividade encarnada em um determinado tipo, não pela mensagem literal de uma camiseta, por exemplo, mas por todo o universo simbólico que esta abrange. O rock, como qualquer outro gênero musical, imprime características que lhe dão suporte existencial. Ocorre, assim, a dinâmica entre a identidade e a alteridade, ou seja, fusão do individual com o coletivo, relação do si-mesmo com o outro. Isto é a moda: ligação de um sujeito aos seus pares.

Pensando o outro como um signo, à medida que este mesmo “outro” ao se tornar um tipo de referência torna-se o signo de uma coisa que não ele mesmo, o sujeito torna-se um artefato visual, um artefato de presença, conceito que David Le Breton emprega em análise sobre os discursos do corpo.

“O corpo se manifesta como uma estrutura semiótica da qual o ser humano não se desassocia, ao mesmo tempo em que a utiliza para obter significados.” (CASTILHO, 2006, P 82). O processo de percepção estética, que permeia a formação das identificações na moda, tem padrões imagéticos legitimados pelo público e materializados em seus próprios corpos.

As roupas em si mesmas são significantes e o código da moda, dentro do consumo da cultura ocidental, trata dos tipos particulares de combinações que estariam relacionadas aos conceitos de elegância, formalidade, casualidade etc., que seriam os significados. É exatamente este código que transforma a moda em signos, e cada um deles pode ser lido como uma linguagem.

Pensando as relações de troca do sujeito com o coletivo, da interação da identidade com a alteridade, o vestuário apresenta-se em sua função fundamental que é a função de significação. “O homem vestiu-se para exercer sua atividade significativa. O uso de um vestuário é fundamentalmente um ato de significação, além dos motivos de pudor, adorno e proteção.” (BARTHES, 2005, P.364)

“O que esta em causa no vestuário é certa significação do corpo, da pessoa. Hegel, já dizia que o vestuário tornava o corpo significativo e que por conseguinte permitia passar do simples sensível à significação.”⁸

Em “O Casaco de Marx”, Peter Stallybrass nos revela as relações simbólicas das roupas com os sujeitos, de como estas se corporificam em uma presença fantasmática. São nas roupas que imprimimos nossas marcas, deixamos nossas memórias, nosso cheiro, nossos rasgos. Desta dialética entre sujeito e objeto, temos um lastro muito forte do que se configuraria como o “eu”. Na materialidade da presença ausente, a roupa toma para si uma vida social, já que a impregnamos de nós mesmos e neste sentido ela se torna uma continuação do corpo, pois carrega em si a herança de nossas ações. As roupas recebem a marca humana. “Não posso lembrar de Allon White como uma idéia, mas apenas como os hábitos através dos quais ele me habita e me veste. Eu conheço Allon através do cheiro de sua jaqueta.” (STALLYBRASS, 2004, P.47)

Na moda, o objeto da significação não é notificado no ato: ele é um conjunto, o modo de vestir, a toalete, a pessoa vestida, e por ser geral o que se visa não é definido com precisão. “Uma roupa puramente funcional só é concebível fora de qualquer sociedade: a partir do momento em que uma roupa é confeccionada, chega fatalmente a uma semiologia.”(BARTHES, 2005, P.310). As gestalts criadas por Beth Ditto ultrapassam a funcionalidade e abrem espaço para uma reflexão sobre os sujeitos e suas identidades, forçam o olhar para si e para o outro.

Tais reflexões são libertadoras, pois representam a possibilidade da liberdade do exercício de si mesmo. Dão a chance de podermos materializar e experienciar subjetividades de forma mais livre. A ruptura conceitual de Ditto

pelo vestuário junto à projeção de seu corpo é um agente modificador das práticas sociais.

O corpo, segundo David Le Breton, torna-se o suporte para a experiência da identidade, suporte este que é extremamente modulável, um *alter ego* que projetamos para dar configuração a um determinado arquétipo social que criamos. A representação de si, pensando o corpo como uma estrutura simbólica, é uma colocação social que se modifica, conforme o momento, produzindo não apenas duplos, mas uma quantidade significativa de “eus”, se impondo como um artefato da presença.

Beth Ditto nos apresenta o vestuário feminino como uma forma de resistência não verbal, marcando fronteiras simbólicas como canal alternativo da representação de si no espaço público, pelo viés da música, questionando os moldes aos quais tentamos nos encaixar. A questão do feminismo pode ser um agente otimizador em suas performances, mas ainda assim a provocação de sua presença gera incômodo e causa um deslocamento de eixo, nos aproximando de uma realidade mais honesta sobre a estética, sobre o belo, sobre a moda - sobre a práxis de si, que é a razão de tudo isto.

¹ Para este estudo, consideraremos dentre todos os gêneros musicais, o rock.

² CORREA, T. G. *Rock nos Passos da Moda: Mídia, consumo X Mercado Cultural*. Campinas-SP: Papyrus, 1989. P.100.

³ Idem. P. 86. Correa, faz alusão a série "punk" que a joalheria Stern lançou, toda em platina, um metal nobre.

⁴ "A pessoa mais legal/fantástica do rock"

⁵ "o que Beth Ditto faria?"

⁶ O conceito de subjetividade é entendido pelo viés foucaultiano, cuja noção se baseia no conjunto de componentes conscientes e inconscientes das práticas culturais, sociais, econômicas, tecnológicas, das práticas do saber, da estética que se entrecruzam definindo um modo de ser, de agir, de pensar, de existir.

⁷ FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade 2: O Uso dos Prazeres*. Tradução de Maria Teresa da Costa Albuquerque; Revisão técnica de José Augusto Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984. P.15.

⁸ BARTHES, Roland. *Inéditos, Vol. 3: Imagem e Moda*. São Paulo: Martins Fontes, 2005. P.361.

Referências Bibliográficas:

BARTHES, Roland. *Inéditos, Vol. 3: Imagem e Moda*. São Paulo: Martins Fontes, 2005. 380 p.

CASTILHO, Kathia. *O Discurso da Moda: Semiótica, design e corpo*. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2006. 112 p.

CORREA, Tupã Gomes. *Rock, nos passos da moda: mídia, consumo x mercado*. Campinas, SP: Papyrus, 1989. 149 p.

CRANE, Diane. *A moda e seu papel social: Classe, Gênero e Identidade das roupas*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006. 499 p.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade 2: O Uso dos Prazeres*. Tradução de Maria Teresa da Costa Albuquerque; Revisão técnica de José Augusto Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984. 232 p.

_____. *História da Sexualidade 3: O Cuidado de Si*. Tradução de Maria Teresa da Costa Albuquerque; Revisão técnica de José Augusto Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985. 246 p.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 6º ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. 102 p.

_____. *Representation: cultural representations and signifying practices*. London, Sage Publications, 2002. 400 p.

LE BRETON, David. *Adeus ao Corpo: Antropologia e Sociedade*. Campinas, SP: Papyrus, 2003. 240 p.

STALLYBRASS, Peter. *O casaco de Marx: roupas, memória, dor*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. 127 p.

VILLAÇA, Nízia. *A Edição do Corpo: Tecnociência, Artes e Moda*. Barueri, SP: Estação das Letras Editora, 2007. 274 p.

Currículo do autor:

Lorena Pompei Abdala: Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Cultura Visual - FAV/UFG. Bacharel em Relações Internacionais pela UCG, Bacharel em Design de Moda pela FAV/UFG. Professora no curso de Licenciatura em Artes Visuais, modalidade a distância da FAV/UFG.